

A ESPANHA EM JULHO DE 2018 [2]

EUSKADI E BILBAO

O País Vasco, chamados por nós no Brasil, de Países Bascos, compõe uma nação com identidade e língua próprias.

Na Espanha, é constituído por três províncias principais, que compõem a Euskadi (ou Euskal Autonomia Erkidegoa), que somadas a outras que estão na França, adjacentes à fronteira espanhola, conformam um único território que está ocupado há mais de 40 mil anos pelo mesmo povo.

Essa ocupação milenar, de certo modo, ficou relativamente isolada pelos Pirineus e por outras elevações que compõem o mesmo sistema geomorfológico, o que propiciou a permanência dessa gente, sem contato e miscigenação com outros povos nômades e, mesmo mais recentemente, com outras na-

ções sedentárias. Toda a vida deles se organiza em torno do Mar Cantábrico, a parcela do Oceano Atlântico que banha essas terras ao norte. As três províncias



Fonte: <https://www.pinterest.es/pin/481955597615988530/?lp=true>

espanholas que formam esse território são Vizcaya, Guipúzcoa e Álava, comandados pela capital Vitoria, chamada por eles de Gasteiz. A província de Navarra, mais ao sul, tem direito a ser integrada à Euskadi, conforme o "Estatuto da

Autonomia", que é uma disposição transitória da atual Constituição Espanhola.

Igualmente o pequeno enclave, de Treviño (Burgos) e o Valle de Villaverte têm direitos vascos garantidos por esta normativa legal.

Do lado francês, há mais três áreas vascas: Labourd, Basse-Navarre e Soule. O mapa ao lado ajuda a entender a posição geográfica desse território e o modo como participa cada área, mais ou menos, da identidade vascaya.

Embora tenha havido avanços consideráveis, após o fim da ditadura de Franco, no que tange ao reconhecimento da identidade desse povo na Espanha, ele ainda não está totalmente satisfeito com sua condição política, como mostra a charge, elaborada

para expressar a perspectiva dos grupos separatistas.



A identidade vasca é dada por muitos símbolos, sendo um deles a bandeira formada por uma cruz branca em alusão ao catolicismo, sobreposta por uma cruz verde de Santo André, pois justamente, no dia desse santo, o povo vasco celebra uma derrota vivida por eles. O nome da bandeira, na língua deles, é Ikurriña.

Também simbolizam essa nação, os esportes que exigem força, como levantamento de pesos e a pelota, e os Bertsolaris, espécie de repentistas, à moda nortenha brasileira, que cantam conforme o tema que lhes é proposto (isso apenas li o

guia porque não vi nenhum grupo desses por aqui).



Sem dúvida, o elemento central da identidade vasca é sua língua, que não pertence a nenhum dos troncos que aglutinam as que hoje são faladas na Europa e restante do mundo. Trata-se de ma espécie de língua independente e autônoma: é difícil saber se vem de outras e se sabe que nenhuma outra dela descende.

Às vezes, como leiga, acho que esse idioma tem alguma similitude com o latim, mas, para mim, é muito difícil e, embora, algumas vezes, os vascos para designar fatos, coisas ou processos recentes emprestem palavras de outros idiomas, como, acima, vimos com 'autonomia' para compor o nome oficial da nação, no geral, não há paralelos entre suas palavras e outras, como ocorre com o catalão (espécie de mistura entre o espanhol e o francês) e o galego

(confluência do português e do espanhol).

Até nisso os vascos são mais "independentes" que as outras duas nações que reclamam autonomia identitária e política na Espanha.

Nos museus que estou conhecendo no País Vasco, as explicações estão sempre em quatro línguas – primeiramente o vasco, depois o espanhol, em seguida o inglês e o francês. Em um caso, havia também a tradução para o alemão.

Quando leo algo em vasco, tenho muita dificuldade de memorizar a sequência das letras e, assim, acabo me esquecendo da palavra e abandono algum esforço que eu poderia fazer para aprender um pouquinho que fosse sobre esse idioma estranho. Vejam como eles anunciam uma liquidação! E, na próxima página tentem ver alguma correspondência entre o castelhano e o vasco.



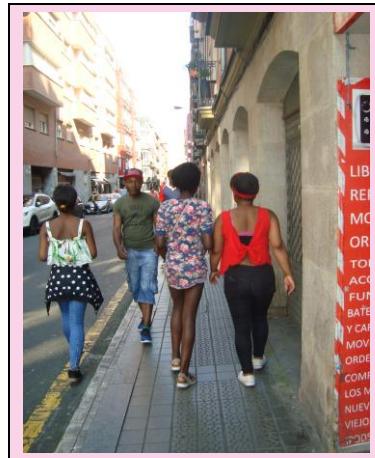
Tras la II Guerra Mundial, Europa se encuentra dividida y marcada por la devastación. Frente a este panorama, EE. UU. se convierte en el principal país de acogida de importantes artistas europeos exiliados. En este contexto, a ambos lados del Atlántico surgen una serie de artistas que protagonizan, con sus diversas propuestas estéticas, una etapa crucial de la modernidad plástica. Destaca en este período el Expresionismo Abstracto norteamericano, una tendencia representada en el Museo Guggenheim Bilbao con fondos notables, como la obra de Robert Motherwell (1915-1991) *Iberia* (1958) —en esta sala—, que refleja la eterna obsesión del artista por la tragedia de la Guerra Civil española; *Sin título* (1964), de Clyfford Still (1904-1980); *Sin título* (1952-53), de Mark Rothko (1903-1970); o *Sin título XVIII* (1975), de Willem de Kooning (1904-1997).

Bigarren Mundu Gerra ondoren, Europa zatikatu eta sujinetate zeoen, eta artista europar asko AEBra erbesterritu ziren. Hala ere, Atarrakoen bi aldeetan pinture batzuk arte plastiko modernoaren lurrerakoaldi baten protagonista izan ziren. Askotan proposamen estetikoak zuzten, eta AEBn aipagarria da Espresionismo Abstraktuaren Guggenheim Bilbao Museoaren Bilduman mugimenduaren edibide nabariak daude bestear beste, Robert Motherwell-en (1915-1991) *Iberia*, artistak Espainiako Gerra Zibilaren tragediarenk inobsesioa erakusten duena —artearen honetan ikusgai—, Clyfford Still-en (1904-1980) *Titulunk gabea* (1964), Mark Rothko-ren (1903-1970) *Titulunk gabea* (1952-53) eta Willem de Kooning-en (1904-1997) *Titulunk gabea XVII* (1975).

Ainda que a capital do País Vasco seja Vitória, a cidade mais importante é Bilbao, cuja região metropolitana tem pouco mais de um milhão de habitantes, o que corresponde à metade da população total das províncias vascas espanholas.

Perambulamos no primeiro dia em Bilbao, pelo centro histórico, depois de fazer o percurso a pé, vindo do Hotel Ibis, cruzando áreas pericentrais, hoje muito ocupadas por imigrantes negros. É como se o espaço urbano fosse deles e me lembrei que, em outras cidades espanholas, como Lleida, o mesmo fenômeno vem ocorrendo – os centros históricos ou suas margens estão

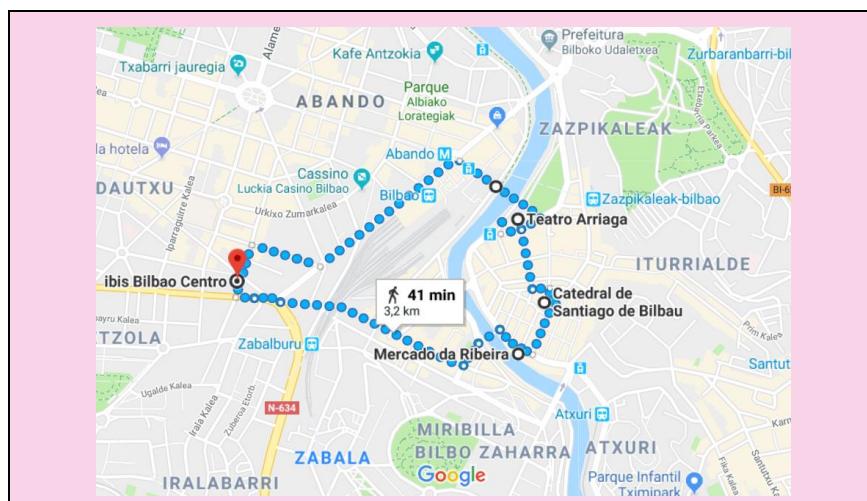
sendo ocupados majoritariamente por imigrantes, sejam africanos, asiáticos ou latino-americanos.



Sendo um domingo à tarde, todos estavam pelas ruas e praças ou em *lan houses*, pois sempre há uma ou duas por quadra, nas quais eles se comunicam com suas terras de origem, falando mil dialetos e berran-

do como se estivessem brigando (será que estão?).

O colorido de suas roupas deixa a cidade mais alegre, contrastando com os tons predominantes no centro histórico, que vão do cinza ao marrom.



A visita ao Mercado Municipal Central, chamado de Mercado da Ribeira, decepcionou um pouco.

Ele foi modernizado internamente para abrigar o que se poderia chamar de uma praça de alimentação. No entanto, o *aménagement* feito não ficou tão bom como os que já vi em Lyon, na França, ou no Porto, em

Portugal, e, além disso, é notório certo desleixo na manutenção, pois o ambiente estava meio sujo, embora o prédio externamente seja bem bonito e sua posição lindeira ao Rio del Nérvion que corta toda a cidade, seja elemento que dá graça à edificação.

Do lado oposto do rio, há um conjunto de prédios que

formam uma fachada com relativa unidade.

Mesmo sendo construções que aparentem ser de décadas diferentes, talvez do século XX, o elemento comum são as varandas, algumas delas de madeira e vidro, muito estreitas, o que vejo, no decorrer dos dias, que parece ser uma característica urbana na região.





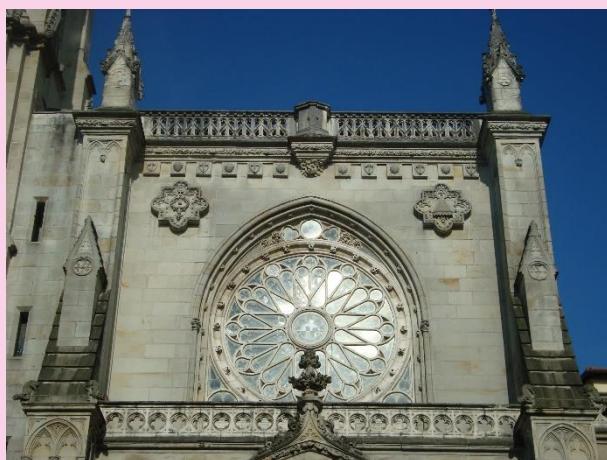
Apesar de certo ar de decadência, o que não combina com a informação de que o País Vasco, depois da região da Catalunha e de Madri, é o mais importante economicamente na Espanha, o centro histórico estava animado, pois havia muitos bares e tavernas abertos, as mesas, no lado externo, estavam lotadas e imperava o espírito do verão. Aliás, essa é uma característica que independe da região ou da nação sob o Estado espanhol: todos gostam da vida pública, de bares, restaurantes, tavernas e bodegas e praticam esse gosto de modo muito

diferente dos franceses: nada de cafés comportados com mesinhas milimetricamente posicionadas de frente para a rua, nos quais ou as pessoas estão sozinhas ou falam muito baixinho. No caso da Espanha, são sempre estabelecimentos meio caóticos internamente, com um longo balcão, que eles chamam de barra, onde se para em pé para tomar uma bebida: no verão, cerveja ou sangría e, no inverno, café, chocolate quente ou vinho tinto. Do lado de fora, algumas mesas pequenas e altas, às vezes, barris de madeira, em torno dos quais eles ficam em pé, bebendo,

conversando, fumando ou só apreciando o movimento.

A Catedral Basílica de Santiago de Bilbao é um prédio imponente, de estilo gótico, mas como tem ocorrido com frequência pela Europa, estava totalmente fechada e não pudemos visitá-la. Ao menos, pude fotografar a sua rosácea central.

Perto dela está a plaza maior de Bilbao, típica do urbanismo hispânico, toda cercada de edifícios similares com arcadas no piso térreo, onde se acomodam serviços elegantes e, atualmente, alguns ambulantes africanos.



Na frente do Casino Salon Scala, uma espécie de teatro principal da cidade, havia muita gente assistindo a um espetáculo da dança basca. Ficamos por ali uns dez minutos, porque

embora o bailado fosse até bonito, tanto o feminino como o masculino, a música era extremamente repetitiva – três ou quatro acordes que se repetiam indefinidamente.



Na volta para o Hotel Ibis, continuamos a apreciar os prédios com suas mini varandas de madeira e, sem querer, deparamo-nos com essa linda edificação cuja fachada está à direita, onde funciona o Teatro Campos Elíseos Antzokia. Também não foi possível visitá-lo, mas imagino que seja lindo por dentro.



Carminha Beltrão

Julho de 2018